

Semear o Futuro: Ocupar o Presente, Construir o Amanhã

Insurgência e Independentes

1. Apresentação

1.1 Esta tese ao 8º Congresso PSOL/DF é assinada por coletivos e militantes que nacionalmente constroem a Tese “Fazer do PSOL Semente”.

1.2 Apresentamos aqui nossa compreensão coletiva dos aspectos da organização interna do partido e as tarefas políticas e programáticas que farão do PSOL semente de edificação de uma sociedade ecossocialista, feminista e antirracista.

2. Contexto nacional: Novos e velhos dilemas

2.1 A eleição de Lula foi uma vitória importante que removeu Bolsonaro do poder. Com uma eleição polarizada, ficou nítido o crescimento e a consolidação de uma extrema-direita com peso de massas no país. Neste cenário, em que o pesadelo do governo Bolsonaro finalmente terminou, mas só luta social pode derrotar o fascismo e evitar a recomposição da extrema direita, o PSOL precisa defender que a legitimidade do novo governo seja alicerçada na luta social e na organização popular.

2.2 A estratégia que defendemos tem como critério apoiar e defender as medidas do governo que enfrentem as desigualdades sociais, que apontem para mudanças mais profundas no futuro e apostem no protagonismo das mulheres, negres, indígenas e LGBTQIAPN+. Entretanto, devemos reafirmar nossa autonomia frente a medidas que imponham retrocessos, como o Arcabouço Fiscal ou a candidatura de Lira à Presidência da Câmara. Nossa bancada adotou a política correta de se diferenciar, para fazer o debate com a sociedade de como essas medidas dificultam a execução do programa aprovado nas urnas.

2.3 É urgente também avançar num programa de futuro, comprometido com a transformação feminista, antirracista e ecossocialista. O verdadeiro arcabouço que o Brasil precisa é o social, que priorize as necessidades da classe trabalhadora e não dos rentistas.

3. Contexto do DF: crise de hegemonia das elites e Governo Ibaneis

3.1 Com a retirada de cena de Roriz e Arruda, abriu-se uma verdadeira crise de hegemonia e uma grande fragmentação política no seio das frações burguesas do DF. Como resultado, PT e PSB governaram o DF entre 2010 e 2018, para realizar governos com alto índice de desaprovação popular. Os fracassos desses dois governos se explicam, em larga medida, pelo fato de terem construído as condições de governabilidade sucumbindo, em larga medida, às pressões e negociatas com uma base parlamentar que vive do roubo da coisa pública.

3.2 A vitória de Ibaneis nas eleições de 2018 foi viabilizada principalmente pelo uso escancarado do poder econômico e pela associação com a candidatura presidencial de Jair Bolsonaro. Ibaneis se qualificou como unificador dos diferentes interesses das frações burguesas do DF, em disputa desde a cassação de Arruda. Nem seu afastamento temporário, em virtude do apoio à tentativa de golpe, limitou esse poder.

3.3 O governo formado por Ibaneis responde, portanto, aos interesses das velhas frações burguesas habituadas com a política rorizista, às tensões resultantes dos interesses em ascensão dessas frações burguesas cuja ideologia reacionária e neofascista faz parte do próprio negócio e à contemporização com o bolsonarismo, em razão do elevado peso político que o Bolsonaro tem no DF.

3.4 O segundo governo Ibaneis começa seu segundo mandato com uma significativa luta de professores/as. Em uma assembleia em que a base da educação atropela o sindicato, a categoria deflagra uma greve forte e engajada. O governador se recusa a negociar até mesmo demandas básicas para a educação e se mostra mais intransigente que os governos mais criticados na história do DF. Assim, os profissionais da educação amargam uma derrota ao tempo em que encaram um desafio enorme: lutar contra a política nefasta de Ibaneis, contra o Novo Ensino Médio, enquanto enfrentam os desmandos cutistas que sangram a categoria para assegurar a governabilidade do Governo Federal.

3.5 Também é um governo alinhado com a agenda do reordenamento ultraliberal do Estado, compromissado com o congelamento de salários, com a privatização de parcelas significativas do sistema de saúde por meio do Instituto de Gestão da Saúde (IGES/DF), a exemplo do que fez com o Hospital de Base, das empresas públicas (CEB, CAESB e Metrô), dos espaços públicos de uso coletivo, como o Setor Comercial Sul e o Parque da

Cidade, a retirada de direitos e imposição de dificuldades à vida da população mais pobre, principalmente com os despejos e perseguição aos ambulantes.

3.6 Apesar da valorosa e destacada oposição ao governo na Câmara, protagonizada pelos nossos Deputados Distritais, Fábio Felix e Max Maciel, Ibaneis não foi confrontado por uma oposição político-partidária à altura da tarefa colocada, e segue dominando 80% da CLDF. Muito mais podemos fazer e muito temos a melhorar enquanto esquerda. E, para isso, precisamos ser capazes de reconhecer as dificuldades que temos e os erros que cometemos a fim de superá-los e de desenvolvermos a capacidade coletiva de avançar.

4. Avanços e limites do PSOL-DF

4.1 No período de pandemia e mesmo após, o PSOL cresceu no Brasil e no DF. Foi o PSOL quem soube conduzir vários processos de unidade da esquerda nas lutas e o compromisso de unidade eleitoral em torno do presidente Lula. No DF, especialmente nos momentos de menor ação social, coube ao mandato de Fábio Felix representar as principais demandas sociais e fazer a necessária demarcação com o Governo Ibaneis. Assim, consolidava-se a contradição do acerto da política com a deterioração das condições internas.

4.2 Os desafios da direção eleita em 2021 não eram pequenos. Ao mesmo tempo que via o Partido crescer, precisava retomar os laços de unidade interna, preparar o PSOL para as eleições de 2022 e retomar a organicidade das instâncias. Infelizmente, esses objetivos não foram alcançados.

4.3 Os núcleos, setoriais, plenárias regulares e todos processo de vida orgânica do PSOL não conseguiram retomar seu dinamismo pós-pandemia, pós-Congresso ou pós-eleição. Não à toa, depois de um crescimento também orgânico e qualificado em 2018, as eleições de 2022 contaram com poucos novos quadros. Pelo desafio de transitar neste PSOL-DF bastante árido, saudamos e nos solidarizamos com todas as candidaturas de 2022 que fizeram possível termos uma bancada na CLDF.

4.4 Neste espaço de balanço, é importante ressaltar que entramos nas eleições mais preocupadas com a divisão do Fundo Eleitoral do que com uma unidade tática e estratégica. Uma conquista histórica e importante das lutas populares – o financiamento público de campanha – vem servindo para acirrar ainda mais os ânimos internos.

4.5 Em um espaço fratricida, o machismo e o racismo estrutural ganharam força e, em vários momentos, as candidaturas feministas foram sacrificadas por uma chapa que visava o protagonismo masculino, de cabo a rabo. A candidatura majoritária, numa chapa negra, histórica, fundamental para manter o PSOL e a Rede na disputa do Buriti, protagonizada por Keka Bagno e Toni de Castro, não foi assumida por todos os setores e candidaturas, em que pese os esforços empenhados para isso.

4.6 A votação que definiu a distribuição do fundo eleitoral da chapa proporcional seguiu o ambiente fratricida que dominou o PSOL, seja pela violência política explícita, seja pela omissão e os acordos não cumpridos, culminando com uma intervenção da nacional para consolidar ainda mais uma oligarquia na chapa proporcional. Como um processo que concentrava poder e recursos, resultou em violências com militantes históricas, traumático para aquelas que iniciavam sua caminhada no partido.

4.7 É com esse pano de fundo que precisamos refletir nossas conquistas nas eleições. Era consenso em todas as leituras prévias que poderíamos buscar não só a segunda cadeira distrital, mas também alcançar a terceira e, o mais importante, crescer em coletivo. Nossa chapa estava muito forte e refletia todas as principais lutas das cidades. A votação histórica de Fábio Felix e Max Maciel são importante vitória e devem ser comemoradas. Mas se não soubermos ler todo o processo, sobretudo sob a perspectiva de gênero - as eleições de 2022 teve a mais baixa votação em mulheres de esquerda dos últimos anos para a CLDF.

4.8 Elegemos dois homens negros, uma reeleição LGBTQIAPN+, gritamos alto que queremos cidades de todas as cores, a periferia no centro, protagonizamos recordes históricos. Fábio e Max, sem dúvida alguma, levam ao parlamento o que temos de melhor. Mas isso não pode acontecer às custas do apagamento e a invisibilidade em que deixamos muitas companheiras e companheiros.

4.9 Na chapa federal, fomos prejudicadas mais uma vez pelo voto útil petista. Tivemos uma chapa ainda mais enraizada que nos anos anteriores, mas também não soubemos aproveitar em todo o seu potencial. Faltou estratégia do partido para, minimamente, fazer a votação federal acompanhar a votação distrital.

4.10 Apesar das dificuldades e abandono, nosso balanço da campanha majoritária é positivo. Tal como Boulos e Sonia em 2018, ainda que a votação nominal tenha sido pequena, o reconhecimento da linha correta do PSOL, e o apoio incondicional à

candidatura de Lula Presidente, garantiram um respaldo político não só para as figuras de Keka e Toni, mas para o PSOL como um todo. Nos orgulhamos de ter construído essa candidatura e o “Programa Movimento” da Federação.

5. Fazer do PSOL semente

5.1 A superação dos problemas e limites assinalados acima, que também já trouxemos em congressos anteriores, exige uma forte mudança de concepções e prática. Enquanto Partido, seremos mais fortes, acumularemos mais aprendizados e atrairemos um número maior de novas filiadas e militantes do que agindo de forma fragmentada.

5.2 Superar a fragmentação partidária é também urgente em tempos de necessária unidade da esquerda para defender os avanços progressistas do Governo Lula, enfrentar na luta seus retrocessos e o bolsonarismo, que é mais forte no DF que na média do Brasil.

5.3 Precisamos seguir como protagonistas por apresentar alternativas estruturais à nova hegemonia de direita coordenado por Ibaneis e que tem em Damares ou Celina, hoje, sua provável sucessora.

5.4 Para dar mais suporte às lutas protagonizadas pelos parlamentares que elegemos e crescer a referência do PSOL na sociedade, temos que aprofundar e aperfeiçoar a relação entre o Partido e Mandato. É fundamental que mandato seja cada vez mais entendido como conquista de toda a militância do partido, que ajude a fortalecer a organicidade e capilaridade do partido. Por sua vez, que o partido reivindique, saiba defender e impulsionar seus mandatos. Sendo ambos instrumentos a serviço das lutas.

5.5 A pulverização reduz a referência do PSOL na unidade ampla da esquerda, o resultado disso será uma maior dificuldade de conseguirmos a terceira cadeira na CLDF, ou mesmo nossa primeira vitória para o Congresso Nacional.

5.6 É hora de enraizar partido nos territórios. E aprender com eles. Por isso, é urgente um esforço coletivo para a criação de núcleos nas diferentes cidades, com a garantia do apoio financeiro necessário, ampla democracia no seu funcionamento interno, programas de formação, compartilhamento de lista de filiadas, dentre outras sinalizações.

5.7 É hora de enegrecer o PSOL, tanto em termos de composição social, como em termos da mentalidade e da cultura antirracista. Para tal, julgamos essencial termos negres

inseridas no processo de formulação política e nas instâncias de direção. O mesmo se aplica às mulheres e às LGBTQIAP+.

5.8 É também importante resgatar com prioridade a dinâmica das setoriais de mulheres, LGBTQIAP+, saúde e destacar a setorial ecossocialista. Pois é necessário colocar no centro o enfrentamento às emergências climáticas, buscar resistências e alternativas a seus impactos, bem como fortalecer setores, tais como trabalhadores do campo e povos indígenas. Mas registramos que em 2022, tivemos várias candidaturas indígenas relevantes, mas a maioria não foi acolhida de maneira estrutural (para além dos recursos) pelo PSOL.

5.9 Para um PSOL/DF profundamente democrático e com perfil militante, é necessário que todas as filiadas possam ter condições de participar da construção do Partido e que este seja transparente nas suas informações. Avançando na comunicação e formação interna, certamente nosso lastro de credibilidade na sociedade também avançará.

5.10 Sobre Finanças, o PSOL precisa criar novas regras e orientações para a gestão dos fundos partidário e eleitoral com transparência e participação na gestão.

5.11 A Fundação Lauro Campos e Marielle Franco tem avançado em iniciativas para formação política em nível nacional. Internamente, o melhor exemplo de formação que ocorreu recentemente foi o processo de construção do Programa Movimento no último ano. Tivemos experiência exitosa que precisa se repetir com mais intensidade, diversidade e qualidade.

Acreditamos que é possível semear o futuro com coletividade, horizontalidade, confiança e transparência. O PSOL é referência de coerência e combatividade em todo lugar, graças a cada filiada, militante, figura pública, liderança. É hora de o PSOL-DF estar em unidade, descentralizar, enraizar e insurgir com as diversas vozes que ecoam por um novo futuro construído nas lutas.

Keka Bagno

Talita Victor

Larissa Pankararu

Ingrid Martins

Mona Lisa do Nascimento Vieira

Aline Alves Leão dos Santos

Aline Pereira dos Santos

Aline Vieira da Silva

Ana Paula Cruz Penante Nunes

Andre Luis Ferreira de Jesus

Andressa Santos da Costa

Antônio Cardoso dos Santos

Brena Dourado Pimenta

Bruno Kanela

Carina de Aquino Calheiros

Carolina Castro Silva

Caroline Vieira Araújo

Celizara Miguel da Silveira

Danielle Almada Rodrigues

Darlan Santana Ribeiro

Débora Costa Roque

Derushi Farias

Dulcimar de Sousa Caldas

Eduardo d'Albergaria

Elem Simone Andrade dos Santos

Fabio Perres da Silva

Felipe Augusto Damaceno de Oliveira

Fernanda Hormung Victor

Francisco Carneiro De Filippo

Gislaine Andréa Almeida Medeiros

Gracilene de Sousa Santana

Helen de Oliveira Martins

Jardel Santana

Jessica Maiara Rodrigues Martins

João Paulo Valente Medeiros

José Alexandre Buso Weiller

Kameni Kuhn

Leandro Teixeira de Moraes

Lício Jonatas de Oliveira

Malena Araujo Bagno

Mara Iza Vieira da Silva

Marcella Priscilla Pouso Silva

Marcelo Inácio de Sousa e Silva

Márcia Santos Severino

Maria Eduarda Gomes Pereira

Maria Lima Kallas

Mariana Marques Gonçalves Ferreira

Marília Lobão Ribeiro

Marleide Aparecida Ferreira

Milla Stephanie Vieira da Silva

Nahiane Hermano Guimarães

Pedro Gustavo Fernandes Matias

Pedro Osmar Flores de Noronha Figueiredo

Poliana Faria Santos

Rafael Ayan

Renata Florentino de Faria Santos

Rhaiza Moreira de Carvalho

Sebastiana Leite da Silva

Sergio Adriano Caetano

Suellen Rodrigues Robias

Thayná Susan Trindade da Costa

Thiago Dutra Vilela

Ulianne Costa dos Santos

Vinícius Ferreira de Oliveira

Vinícius Lobão Ribeiro

Webert Costa dos Dantos

Welligton Cabral Belém

Zilene Costa de Carvalho